

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : GM

CLASS. : 811

DATA : 08 03 91

PG. : 04

Na Amazônia, o risco de uma nação de esquecidos

Dirceu Brisola *

Aflige-se o Brasil, neste momento, com notícias de mortes, tiroteios, emboscadas, que chegam da remota região do rio Traíra, na fronteira com a Colômbia. Deveria afligir-se muito mais.



Os maiores problemas, assim como as maiores glórias de um país, são os que se constroem aos poucos, paulatinamente, por meio da soma de um grande número de erros ou de acertos, em um longo período de tempo.

No caso da Amazônia, tanto o Brasil quanto os seus vizinhos têm acumulado sobretudo erros. Correm agora o risco de permitir que ali se constitua uma espécie de nação de desamparados e esquecidos: garimpeiros sem garimpo, índios de tribos dizimadas, seringueiros e madeireiros desempregados, que não contam com perspectivas concretas de subsistir materialmente. A ameaça é grave, especialmente a longo prazo. Trata-se de uma região perigosamente despovoada, submetida à ação e à pressão de bandos de traficantes de tóxicos e de garimpeiros, que crescem no caldo de cultura da marginalidade.

A medida que minguam as atividades extrativas tradicionais, cada vez mais inviabilizadas pela política de proteção ao meio ambiente, agrava-se o quadro de carências sociais de Manaus,

para onde migram as populações desalojadas do interior do Estado do Amazonas.

Ocorre que o principal pólo de desenvolvimento aí situado, a Zona Franca com suas indústrias, encontra-se igualmente sem uma expectativa real de sobrevivência, frente à abertura econômica operada pelo governo federal, que priva as empresas ali instaladas dos favores alfandegários que as atraíram e asseguraram a competitividade dos seus produtos nos mercados do Sul.

Como já observava Euclides da Cunha no início deste século, que agora se aproxima do fim, a Amazônia apresentou, no decorrer da sua história, uma imbatível tendência para deteriorar tentativas de estabelecimento da civilização. Desde a visão descrita por Rodrigues Ferreira, em sua "viagem filosófica", do monumental Palácio das Demarcações, erguido na vila de Barcelos, e coberto de sapé, até as ruínas da Fordlândia, encontram-se ali eloquentes testemunhos da incrível sucessão de equívocos que, naquele território, tem seguidamente vitimado seus habitantes. Como escreveu Euclides da Cunha: "Vai-se de um a outro século na inaturalável mesmice de renitentes tentativas abortadas".

É possível que estejamos agora diante de última oportunidade de iniciar uma ação séria responsável para impedir que as futuras gerações repitam, com amargura, uma constatação semelhante.

* Diretor deste jornal.